



PPGCOM REALIZA MONITORAMENTO DE GRUPOS POLÍTICOS NO WHATSAPP

Disseminação de notícias falsas e ataques pessoais foram conteúdos mais comuns



Aplicativos de mensagem se tornaram forte meio de mobilização e propagação de notícias falsas

Integrantes do grupo de pesquisa Tecnologias de Comunicação e Política (TCP) da UERJ elaboraram um estudo com mapeamento e análise de grupos de WhatsApp em apoio aos candidatos à presidência nas eleições de 2018. A pesquisa começou em maio do ano passado e se estendeu por todo o período eleitoral. O foco do monitoramento, com auxílio de alguns *softwares* de coleta de dados, era analisar a mobilização desses grupos durante a campanha para viralizar conteúdos políticos pela internet, com ênfase nas redes sociais. O Laboratório é vinculado ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT.DD).

O grupo, que possui uma equipe que contempla mestrandos, doutorandos e alunos da graduação na modalidade de iniciação científica, já realizava pesquisa do uso da internet e das redes sociais em eleições passadas, analisando as estratégias de campanhas políticas na internet dos candidatos e de seus apoiadores. A inclusão do WhatsApp no estudo surgiu após a força que os aplicativos de mensagem ganharam como fonte de informação e disseminação de notícias com teor político, sobretudo as chamadas *fake news*. Foram monitorados, ao todo, 90 grupos, sendo a maioria de apoiadores do então candidato Jair Bolsonaro e de seu partido PSL; 28 grupos se autodeclarando “conservadores” ou “pró- militares” e 24

grupos de apoio ao partido e a Bolsonaro. Também entraram no estudo 18 grupos de apoio ao PT e a seu candidato, Fernando Haddad; quatro de apoio ao PSDB ou a Geraldo Alckmin; quatro dedicados à candidata Marina Silva (REDE); dois de apoio a Ciro Gomes (PDT) e um a Henrique Meirelles (PMDB).

Para a coordenadora do grupo, Alessandra Aldé, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), o monitoramento sinalizou a importância e o impacto do aplicativo no resultado das eleições. “O *WhatsApp* nos chamou atenção por conta de uma dissertação de mestrado de um dos nossos pesquisadores, que foi feita a partir de entrevistas com marqueteiros da área digital. Alguns deles disseram nas entrevistas que o *WhatsApp* era a grande novidade de ferramenta e comunicação nas eleições de 2018, chegando a intitular de nova *Deep Web*”, afirma.

Para a pesquisadora, todo conteúdo possui um caminho muito específico e planejado. “O ideal é que eles circulem em outros canais, como outras redes sociais ou através de mensagens enviadas para outras pessoas. Cada grupo possuía uma dinâmica muito específica”, explica Aldé.

Durante os meses de monitoramento, os pesquisadores perceberam que grupos pró-Bolsonaro tinham

um alcance e uma organização maior em comparação aos demais candidatos. Isso fez com que a pesquisa passasse a dar mais atenção à campanha do então candidato do PSL. Segundo eles, as estratégias de recrutamento eram mais agressivas com disponibilização de convites públicos em listas que separavam grupos por regiões. Foi a partir desses convites que os pesquisadores conseguiram se infiltrar nos grupos, tanto no Rio de Janeiro como em outros estados, mas sem se manifestarem. O objetivo era apenas acumular material para mapear conteúdos, comportamentos e a circulação de *fake news*, buscando entender como e onde elas apareciam primeiro, quanto tempo demoravam para circular e os seus impactos. A pesquisa mostrou que a maioria dos grupos está conectada de alguma forma, por um ou mais membros.

Responsável pelo núcleo de análise de dados do grupo, o pesquisador João Guilherme Bastos dos Santos, doutorando do PPGCOM, afirma que o estudo ajuda a entender não apenas como um grupo específico se organiza na internet, mas também comportamentos gerais. “A pesquisa sobre análise de redes identifica padrões de modelos de rede. Você pode trabalhar com uma escala reduzida e entender algumas dinâmicas que vão aparecer na rede como um todo. Independente do tema que você está pesquisando, há uma dinâmica da rede como um todo”, analisa.

Ele aponta ainda que, embora os grupos possuam muitas semelhanças, é possível perceber diferenças entre eles. “Eles não são a mesma coisa. Os grupos de apoio ao Bolsonaro da comunidade evangélica são muito diferentes dos grupos de apoio do Bolsonaro pró-militares. Em muitos aspectos: na agenda de funcionamento, no repertório, em quem eles entendem como inimigo. Embora todos eles tenham o PT como inimigo, o que eles entendem por petista muda muito”, relata João Guilherme.

Segundo os pesquisadores, uma dificuldade do processo de pesquisa e que também reflete no combate às *fake news* é justamente o fato de elas circularem em aplicativo de serviço de mensagem móvel criptografado. “Tanto o *WhatsApp* como o *Telegram* estabelecem circuitos criptografados que favorecem a circulação de informação criminosas, falsas. Por estarem criptografadas e pouco acessíveis ao público, dificultam a tomada de posição por parte do Tribunal Eleitoral. É uma circulação invisível, uma rede subterrânea”, afirma o pesquisador.

Fake news e ataques a adversários

Os grupos de apoio a Bolsonaro possuem regras de regulação, assim como padrões de comunicação e circulação de informação e postagem. Os pesquisadores afirmam que, em cada postagem, é incentivado o seu compartilhamento em outras redes, aumentando o poder de circulação dessas informações. O discurso

utilizado é que as redes são uma fonte de informação fora da grande mídia, revelando uma tendência de deslegitimar a imprensa. Outra prática comum era a orientação aos membros do grupo para a realização de atividades como promover *hashtags* e até ataques a adversários, instituições ou pessoas públicas que se posicionavam contra Bolsonaro.

Para os integrantes do TCP, até as perguntas nos grupos são controladas e vistas com desconfiança por parte dos outros membros. “Qualquer questionamento, como a procedência de uma informação ou quando há uma opinião que discorda dos demais já é encarado com desconfiança. É preciso que todos tenham o mesmo pensamento e as mesmas posições”, diz João Guilherme, que cita casos de expulsão após discordâncias de um integrante com os demais.

Para Alessandra Aldé, o *WhatsApp* funciona como uma espécie de QG secreto no qual ocorre toda a mobilização que reflete em outras redes. Sobre as *fake news*, a pesquisadora fez uma análise qualitativa de acordo com conteúdo e produção, com uma parte mais nitidamente amadora e outra mais profissional.

Pesquisa como utilidade pública

A pesquisa ainda está em fase de análise e conclusão, mas alguns resultados já foram divulgados antes mesmo do segundo turno. A ideia era tornar o estudo dinâmico e de utilidade pública. “Nós optamos por dar uma divulgação aos resultados, mesmo que parciais, para podermos de alguma forma informar às pessoas o que estava acontecendo. Eu acho que a Universidade também tem que estar atenta sobre quando nossas pesquisas podem ser importantes e não ficarem apenas dentro da comunidade acadêmica”, opina Aldé.

O grupo enxerga a pesquisa como objeto de interesse, não apenas para o Brasil, mas mundialmente. Casos semelhantes já foram observados em outros países e processos eleitorais, como nas eleições presidenciais norte-americanas em 2016, com grupos de extrema-direita e apoiadores de Donald Trump espalhando notícias falsas para prejudicar a campanha de Hillary Clinton. Já no Brexit – a saída do Reino Unido da União Europeia –, alguns parlamentares e grupos conservadores usavam esses aplicativos para articularem questões ligadas ao referendo. Por outro lado, houve também uma mobilização de grupos de apoiadores do deputado britânico Jeremy Corbyn, que usaram o *WhatsApp* para promover a sua campanha a Primeiro Ministro, em 2017, e para a liderança do Partido Trabalhista inglês.

Embora outros diversos estudos estejam sendo desenvolvidos sobre o poder da influência das redes sociais e aplicativos de mensagem em resultados eleitorais, o grupo da UERJ é pioneiro na área de pesquisa de análise de rede e continua com o trabalho de monitoramento para analisar o comportamento de grupos após as eleições.



Reitor: Ruy Garcia Marques **Vice-reitora:** Maria Georgina Muniz Washington

Comuns | Diretoria de Comunicação Social — **Edição:** Andréia Rêgo **Redação:** Andréia Rêgo, Flávia Astorga, Flávia Ribeiro e Thiago Thos **Estagiários:** Dayane Campos, Felipe Petrucci, Giovanna Grillo, Joanna Dark, José Atalide e Ramon Trindade **Revisão:** Júlia Apolinário **Direção de arte e Design:** Paula Caetano

Diagramação: Paula Caetano e Wesley Lopes • **Contato para divulgação de cursos e eventos:** uerj.comunica@gmail.com

Os dados sobre cursos e eventos são de responsabilidade dos respectivos organizadores.